



**A** R C O & F L E X **A**

1928 - DEZEMBRO



JANEIRO - 1929

Ns. 2 e 3

# ARCO & FLEXA

Mensario de Cultura Moderna

Pinto de Aguiar ( Director )

Helio Simões

Carvalho Filho

Ramayana de Chevalier

Jonathas Milhomes

De Cavalcanti Freitas

José Queiroz Junior

Eurico Alves

Damasceno Filho



---

Endereço

—e—

Direção:

RUA

Santo Antonio

104

---

---

ARTES

—

SCIENCIAS

—

LETRAS

—

CRITICA

---

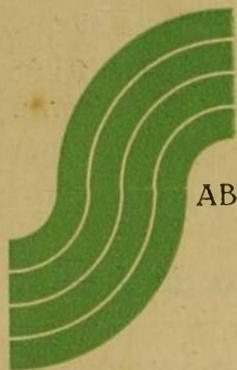
---

1\$2

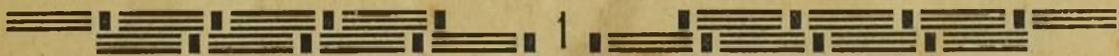
---

# Escritores novos da Bahia

## Alguns nomes



ABEM que vou falar dos novos de *Arco & Flexa*. Grupo distinto, selecto, unico, porque, é claro, não abranje a quantos escrevem, entre nós. Mas reune cordialmente os que, por afinidades moraes e mentaes, se pôdem reunir em nucleo literario apreciavel. E' a vanguarda moça das nossas letras. O que, para logo, portanto, a distingue, — além da vontade de cooperar no mesmo sentido de renovação, sob a mesma bandeira de jovialidade, que resalta, desde o titulo, nada pesadumes solennes, nem arreganhos plebeus de patuléa, titulo alegre, racial, vibrante, e, sobretudo, expressivo como simbolo, — é o desenganado culto á terra do berço, nas suas multiplas manifestações de tipos, costumes, paisagens, monumentos, tradições, emfim. Essa feição, genuinamente bahiana, caracteriza o movimento. Tradicionista dinamico. Nem mais, nem menos, que uma replica aos propositos dos rodapés de *A Tarde*. Temos, pois, enorme satisfação em travar conhecimento com esses moços, que acódem aos apelos da necessidade de integrar a Bahia no movimento literario moderno. E eles, seguindo o exemplo vitorioso de Eugenio Gomes, acabam de provar que é possivel fazer vingar a idéa de modernização comedida, discreta, equilibrada, no dominio das letras indigenas. Não são, em conjunto ainda o ideal em manifestações esteticas. Nem em conjunto, nem em particular. Nenhum escritor definitivo. Apenas brilhantes vocações que urge não hostilizar. O dever da critica, como do simples leitor, que tenha em alguma conta o brio do talento e da cultura, ainda que em formação, é correr em favor desses rebentos da inteligencia bahiana, onde e como quer se nos



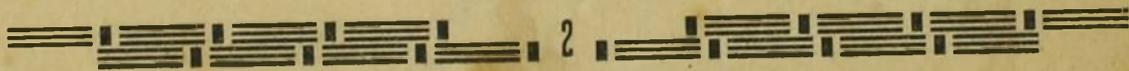
apresente. Proceder com a indiferença, o desdém, a ruindade, tão communs entre as velhas cerebrações desvergonhadas, contra toda e qualquer iniciativa, de ordem mental, como material, individual como social, é ser indigno da nossa hora alta de ação e reação em bem de tudo que envolva, e signifique o nome da Bahia. A cultura das letras tem uma função mais nobre do que a frívola aparência de um passatempo. Foi-se esse preconceito. A literatura, a arte, a sciencia, a critica, se não querem passar por méras excentricidades decorativas de privilegiados, têm que concorrer para a enfiatura do caracter do cidadão, prestante, util, eficiente, senão para a graça depuradora das paixões e dos sentimentos colectivos. Ao lado da cultura dos musculos, que são o luxo, o gozo, a força, ou muito eufemicamente o retemperamento da energia da raça, deve existir a cultura do cerebro, que é o fulcro das civilizações maiores. Não fazem mal as musas aos doutores, diz o classico. Ao que podemos parodiá-las, não fazem mal os *estudios* aos *estadios*. Dito isto, corramos a fixar, a pennadas rapidas, os perfis do grupo de *Arco & Flexa*, a começar por Pinto de Aguiar, o director da revista.

### Pinto de Aguiar

E' o chefe da tribu. Alto de idealidades, fino de conceitos, elegante de subtilezas. Sob uns bocados reluzentes de frases, deixa transparecer as inquietações de um filosofo *in-fieri*, gozador intelectual de primores de arte, meditativo de pequenos problemas quotidianos, que surpreende em flagrantes, sob o titulo de «Estudio», cuja leitura nos familiariza com um Jacintho, de Eça, pelo decór e pela movimentação fidalga dos temas. Poeta, com fulgidos surtos liricos, assinalados em amor ás coisas circunstantes, apresenta em «Agua turva», fantasia modernista, em «Minha Bahia», cantico afectivo, doses simpaticas de reflexão e ternura. E' um nobre de alma e intelligencia.

### Carvalho Filho

Timido. Silencioso. Calmo. Mas só na aparência. Porque é ousado, quando escreve. Tem visões largas, quando canta. E tons sacudidos, quando sonha. Panteista, antes de tudo. Impressionista forte da natureza. E' o que afronta ambiencias, descortina horizontes, procura distancias. Verbos amplos. Vozes altas. Inspirações tendidas. Vocação para os paineis de folego. As largas composições. Os profundos estados de ensimesmamento. Concorre com



um originalíssimo poema «Tarrafa», que o seu ardente espiritualismo tece em lindas malhas ampliadas de beleza. Imaginação copiosa. Ritmo desenvolvido. Intuição poetica das mais promissoras do grupo. O seu «Triptico», tentativa de interpretação evolucionista, denuncia um monista, um pensador, um universalizante.

### Ramayana de Chevalier

Ramayana é o poeta, por excelencia. Poeta, sem tirar nem pôr. Espontaneo, inspirado, cavalheiresco. Pouco se lhe importam escolas. Canta, porque é de sua vocação o canto. Na «Suplica de Boêmio», ha o estofo rico de um fantasista dos aspectos bons da vida e da natureza. A natureza é amiga intima sua, com quem fala, vive, sonha, brinca. Evoca a noite, pede-lhe o coração, pede-lhe a alma, pede-lhe todos os astros. Mas, logo escuta «a gargalhada luminosa das estrelas», galantea-lhe com um espanto de *troubadour* medieval. Compõe rindo, como um boêmio autentico, do céu, das estrelas, das nuvens, de tudo. Ha na sua poesia uma intimidade profunda com as coisas. Vejam o que lhe responde a noite, perquerida por sua musa camarada:

*A minh'alma, és tu mesmo, Sonhador!...*

### Helio Simões

Se Pinto de Aguiar é um iluminista das formas abstratas, se Carvalho Filho é um transfigurador da natureza, se Ramayana é um espiritualizador de ambientes, Helio Simões é o emotivo da quietude, o sonhador da mansidão, o suavizador da vida aspera, o tranquilo, o brando, o leve fixador de delicadezas e doçuras. O seu misticismo é definido já em mostras incontestaveis de individualidade. Será o nosso maior poeta mistico bahiano. E' o que está destinado a nos revelar as feições religiosas de arte pura. Um Presciliano que escrevesse versos. Veja-se a «Pastoral». Quando, alheiado das notações biblicas de lirismo eterno dos canticos dos canticos, acontece olhar perto de si mesmo, á roda do que lhe surge aos olhos, tangível, palpavel, circundante, então, aquele gosto do immaterial, do inefavel, do distante, se lhe muda em acentos realísticos, mas, ainda assim, modulados de enlevo e contrição. Leia-se-lhe «Quando me vou por essas ruas»... Mesmo quando escreve prosa, trae a sua tendencia para o ritmo poetico. Em Helio Simões, não se distancia o prosador do poeta. São modalidades claras de um mesmo poeta. Muita sensibilidade.

## De Calvacanti Freitas

Já de feitio diverso é De Cavalcanti Freitas. Estilo oracional. Numeroso. Cantante. Faz-se em tropos, em surtos, em arrancadas. Perfeita individualidade de orador. Quando escreve, ou fala, sente-se-lhe o demonio da eloquencia brotar-lhe, fremindo, tremulo, vibrante, das frases vivas, rubras, nervosas. E' um temperamento de artista sob a tunica helenica de um tribuno:

... «Arte, que me canta, nos olhos, cheios de luz dos tropicos, quando vejo as manhãs da minha terra pagã, ainda vibrando da vertigem nascente. Esta mesma arte patriotica e emotiva. Arte, que é brasilidade. Arte-energia, força, movimento, luz, consciencia, côr, plastica, ritmo». O seu livro «Cercas de pedra», flagrantes de vida sertaneja, ha de estrear um regionalismo estranho, calido, esquisito. A mostra que nos dá, revela o romanciadador impressionante de tipos e scenas da vida brasileira, que se vive montanhas acima, corregos a fóra, sertões a dentro. Faculdades argutas, atiladas intuições de beleza, denuncia um observador perspicaz, com o poder psicologico de analyse, naturalmente desenvolvido na pratica do jornalismo, de que é profissional, em formas imprevistas á Jules Huret e João do Rio.

## Damasceno Filho

E' mister encurtar as tintas, que vae faltando espaço. Damasceno Filho é de uma familia de poetas. Quem se não recorda na Bahia de Damasceno Vieira e Arnaldo Damasceno? Pois Damasceno Filho veiu perfazer a trindade illustre de poetas sobejamente conhecidos. Tem publicado já «Poeira Dourada», bem recebido pela critica autorizada. Nessa falange concorre com tres poemas a Bahia, onde a nota tradicionista predomina. Leve, clara, insinuante.

## Jonathas Milhomens

Precisamos de falar de Jonathas Milhomens. E' de todos, talvez, o mais desconhecido. Mas como todos com o mesmo vigôr de intelligencia e de cultura. Gosta mais da prosa do que do verso. Prosa, pronunciadamente ironica, brincalhona, desdenhosa. Não chega a ser um epigono de Forjaz de Sampaio. Mas tende a discipulo de Eça. O seu processo é crear tipos. Creados os tipos, tece-lhes as situações, com altos e baixos, de surpresas desopilantes. A pagina que publica, é um interessante perfil psicologico de um simulador de va-

lores. Conduz bem o assunto. Agrada, porém, melhor — nos desfechos. Apesar de não gostar de versos, devia de ser um ótimo fazedor de chaves de soneto. Eis de como, após haver creado situação ridicula para o tipo, de que apenas usa as iniciaes J. M., o faz cair nos desenlaces comicos da impostura. Veja-se o final de «Simulação».

### Eurico Alves

Aqui está Eurico Alves. Mescla literaria de sentimentalidade cabocla com humorismo irreverente. Sae-lhe a frase um gosto acredôce de nostalgia e revolta. Creação espontanea, e critica involuntaria. Impressionam os seus modos de compor sorrindo e sofrendo, sob os contrachocos da palavra, ao léo da inspiração. Imaginação pronta de menino, que não sabe conveniencias hipocritas, nem calcula melindres baratos. Constroe as suas imagens á mercê da fascinação verbal dos temas, ás vezes, descontrados, descosidos, desavindos, mas sempre felizes, interessantes, saudaveis. F' de todos o que mais interessa, por essas côres soltas de desprendimento mental. Os «Poemas a Bahia», definem o seu fundo lirico-humoristico. Ora, a exalta nos tons grandiloquos de himno, ora a criva de flexazinhas buliçosas de atrevimento. Não ha duvida, que esse amálgama resulta um bem caracteristico jeito de poeta modernista á moda do sul. Irá agradar immenso aos modernistas de lá baixo. Aqui agradou sobremodo. Eurico Alves, aprimorando e seleccionando, em outros e mais erguidos propositos, a sua maneira, terá confirmado as nossas justificadas esperanças do seu bonito futuro. Leia-se «Nocturno Bahiano».

### José Queiroz Junior

Encerremos com José Queiroz Junior, que tambem é quem encerra o numero de *Arco & Flexa*. Romancista de 15 annos. O mais moço e o mais trefego do grupo. Sempre ás turras com os outros. Sempre ás piadas. Rindo. Bolindo. Discutindo. Um talento de urtigas em actividade. O seu condão, porém, é a narrativa. Sabe narrar. Nasceu com o dom de narrar, descrever, construir. Assimilador extraordinario de caracteres, a sua tendencia maior é para o romance. Tem mesmo um romance «Entre duas épocas», a sair do prélo. Desse romance, ainda inedito, é que publica o capitulo, através do qual o estamos julgando. Mas escreve versos. Nem era possivel deixar de os escrever. «Yedda» é a contribuição poetica que nos dá a conhecer em grupo. Muito amourosos, porém, bem feitos.



**Vamos.**

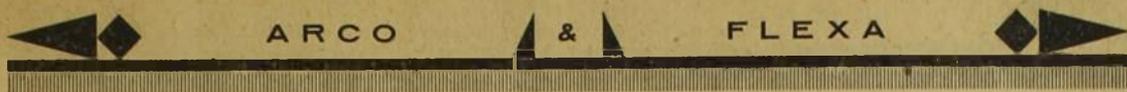
São estes os moços que compõem o grupo de *Arco & Flexa*. Grupo de creanças, quase. Nem um igual a outro, senão na idade. O mais velho terá 20 anos. Posto não queira nada significar a idade em questões de artes e letras, quando Castro Alves fulgurou antes dos 24 e Goethe ainda depois dos 80, a circunstancia, todavia, deve considerada, como indice de valor precoce, e ainda mais como aviso para o estímulo que se lhes deve, sem concessões exageradas, nem julgamentos depressivos. A mocidade não carece de elogios, nem de apodos. São recursos inuteis. Os moços só precisam de coordenação, disciplina, harmonia. É o que realiza *Arco & Flexa* em face das hostilidades habituaes. Mas é só preciso ir para frente.

Vamos!

C A R L O S            C H I A C C H I O

(Do rodapé *Homens & Obras*, de *A Tarde*, de 27 — 11 — 1928).





*de Pinto de Aguiar*

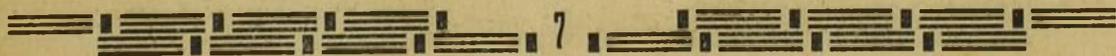
*Malmequeres*

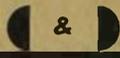
*Um jardim,  
verde de musgos  
com estatuas brancas.*

*Um jardim...  
e envolvendo tudo um perfume d'ôce de jasmim.*

*Um muro.  
Num recanto escuro,  
um banco de ferro  
no fim da alameda rêta.*

*Sentado,  
um sonhador, um poeta.*





*Nas mãos um malmequer.*

*Ele desfolha:*

*«malmequer»*

*«bemmequer»*

*De vez em quando o vento leva um nome de mulher.*

*«bemmequer»*

*«malmequer»*

*E ele continúia arrancando as petalas doiradas  
que o vento leva como se fossem nomes de mulher*

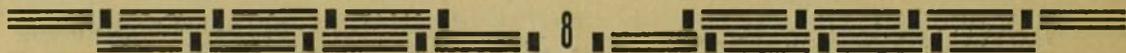
*Emfim, a ultima:*

*«bemmequer»*

*Depois,  
ele procura a flôr.*

*Despetalou-a*

*Agora,  
imensa dôr:  
quando soube ser amado,  
perdeu o seu amor.*



**ESTUDIO**

— Mar...

A mareta mansa vem morrer no caes cantando:

— Mar...

Lá para cima, pedacinhos de prata cintilam num céu azul, que se dilue em nevoa para as bandas de Itaparica. Na agua muito azul, e muito branca, tambem uns lumesitos são como estrelinhas vermelhas tremeluzindo. E por cima de tudo, uma lua tecida de branco e de azul, vem lançando uma gaza mistica de luar sobre o mar, sobre a terra; uma lua brasileira, que faz de aço um couraçado negro, como um pedaço negro de carvão, jogado no meio da bahia.

E a mareta mansa continua cantando no caes:

— Mar...

emquanto uma onda macia levanta em sua curva dôce, o bojo escuro de um saveiro.

Pelo ar passam devagarinho nuvens esgarçadas, voejando por entre a poeira colorida do luar.

Tudo dorme no silencio das coisas belas.

Uma praia branca, muito branca, como a barba alvacenta do «velho pagé», se recorta lá para a direita, na mataria verde, de um verde que vae trepando apressado a lombada da serra.

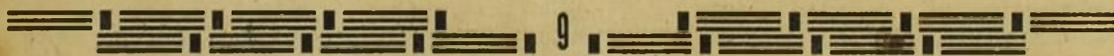
Nos saveiros balouçados de mansinho esmorza um violão.

Fico a pensar:

que vida feliz destes marujos, que vivem sob o luar, ao balanço das aguas musicalizadas.

E a mareta mansa continua cantando no caes:

— Mar...





# POEMAS DE AMOR

## LUAR

*Escuta: essa noite, eu dormia  
e o teu sorriso floria no meu sonho...  
Então,  
um raio de lua  
varou um lozango da vidraça  
e veio deitar-se a meu lado.*

*E quando, noite alta, abri os olhos  
e vi, junto a mim, essa brancura  
da lua adormecida em minha cama,  
tive um gesto de menino  
a procurar os brinquedos do sonho,  
quando acorda:*

*Estendi as mãos avidas  
e fui tacteando a cama,  
pensando, meu amor,  
que esse raio de lua era o teu corpo.*

**RISO**

*Seu riso na manhã clara...*

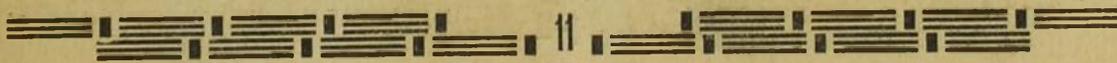
*Como que ela sorveu  
todo o vinho topazio do sol  
pela taça do dia.*

*Porque, quando ela ri,  
o sol escorre de sua bôca  
como um vinho  
e há tinidos de cristal  
no seu riso de dentes brancos.*

**TUA IMAGEM**

*Quando te debruçaste  
sobre o espelho liquido da fonte,  
eu senti o desejo  
de suster em meus braços a corrida  
daquela agua assustada  
que não parava um instante  
para te guardar.*

*E — orgulhoso —  
eu te guardei inteira nos meus olhos.*



*Mas agora que te foste  
como a agua vadia,  
tenho inveja da fonte leviana  
que levava a correr  
a tua linda imagem amarfanhada  
em refrações violentas, como um escarneo.*

*Porque a tua imagem infiel  
nunca mais se apagará de meus olhos.*

*E ainda que essa fonte de lagrimas  
venha a estancar, um dia,  
e as minhas pupilas acabem  
estéreis  
e vasias,  
como as pupilas de um cégo,  
todas as flores de minh'alma  
cairão sobre ela, como cáem  
as flores que as velhas arvores atiram  
sobre as fontes que estancaram  
retendo,  
na derradeira gota d'agua,  
uma visão de amor.*

*Porque a tua imagem inconstante  
parou um minuto deante de um espelho de eternidade:  
minha pupila fiel.*

**MELANCOLIA**

*Um dia, eu vi o sol  
morder lascivamente  
a tua bôca.*

*(Tua bôca,  
que é como um fruto suspenso  
da ramaria alta das estrelas...)*

*Nesse dia,  
a luz que vinha do céu  
acendia um ardor de afronta  
em minha face.*

*E eu me sentia  
esbofeteado pelo sol.*



*Outro dia, brincavas,  
na algazarra do mar,  
com uma renda de espumas  
flutuando,  
fervilhando,  
em torno de tuas ancas redondas.*

*Quando voltaste,  
ainda fria do banho,  
teu beijo sabia a mar  
e o teu corpo resvalava de meus braços,  
como uma onda vadia.*



*Desde ahi, meu amor,  
que eu venho ouvindo  
desafios de sol  
e  
algazarras de mar  
na minha estranha melancolia...*

EUGENIO GOMES

## de Hermann Lima

*Bahia*

Cidade presepe, com as longas torres piedosas das suas oitenta e cinco igrejas em riste para os céos clementes, como outras tantas mãos implorativas, parece rezar, contrita e velhinha, eternamente á memoria dos seus dias imortaes.

Alcandorada nos cimos alta-neiros, bem perto de Deus, é de vê-la, «verde ninho murmuoso de eterna poesia» — como no anseio ardente de galgar de lance as cumiadas azues,

Cidade do Salvador! Bahia de Todos os Santos! —

Não é em vão que lhe cabe a sagração desses titulos liturgicos.

Nos seus templos veneraveis, tesouros de fé e de arte antiga, onde a pompa inaudita do Eldorado primitivo esplendora e atordôa, — o Carmo, a Cathedral, São Francisco, vive Deus, como dentro das cathedraes medievae. Pelos altos muros es-

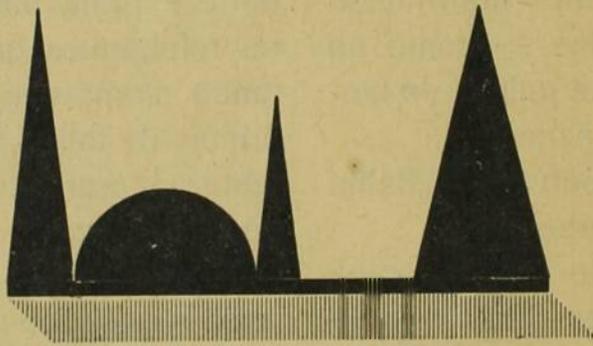
culpados em guirlandas de simbolos votivos, anjos, santos, espiguilhas de trigo, aves e frutos e flores misticas, escorre a flux o ouro dos minereos de outr'ora, inexgotaveis. Por toda a parte, a magestade do culto antigo a resplender triumphal. nos sagra-dos vasos de ouro e pedraria, nos custosos lampadarios de marmore e prata macissa, nos alta-res refulgentes, que são panos de fundo sumptuarios, nas obras primas de talha, nas pompeantes pinturas muraes dos altos paredões seculares.

Sob a cupola altaneira das suas naves imensas, como que resôa ainda hoje, no fulgor dos dias festivos, o verbo imortal de Vieira, estrondejante e revoltoto como o oceano. Na penumbra dos nichos placidos, entre a indumentaria bizarra das «creoulas» de agora, parece que vai erguer-se ás vezes, para nós, a resplendor no fervor intangivel

da oração um rosto lindo de dona dos tempos idos, ou o severo perfil autocrata de algum vice-rei ou provedor-mór de Sua Magestade.

E, no correr das tardes brandas, quando os claros céos em opala e plumas se desmancham

sobre a terra quieta, rola das alturas, plange a voz grave dos sinos, bôcas de bronze resando preces de dois, tres seculos, cõo solenne das torres vetustas, no responso misericordioso pelos que se foram perdidos, no vortilhar das éras infinitas.



de Eurico Alves

*Minha Terra*

A' MORENA DE CAIO DE FREITAS

Minha terra não é a morena de Caio de Freitas,  
a morena que só anda

a sambar,  
a sambar...

Minha terra é um garoto mulato  
que talvez vá casar com a morena de Caio.  
Por ora, só faz trepar em arvoredos com calças listradas

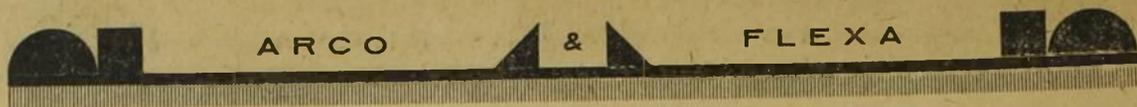
E' um menino medroso  
que não anda de-noite,  
por causa das almas que penam na mata.

Mas ele só tem medo das almas do outro mundo.

O menino só anda com patuá no pescoço  
pra tirar o azar.  
Ele tem também medo da comadre caipóra  
que mora na grotta e era casada com judas.

Não lhe fale em zumbi,  
nem no feio lobishomem.  
nem no filho que matou o pai  
e virou um bicho muito grande e cabeludo.

Minha terra não é moça,  
minha terra é menino,  
que atira badoque,  
que mata mocó,  
que arma arapuca



e sahe *aboiar*  
e nada nos rios em tempo de cheia  
e come umbú quente e não apanha malina.

Minha terra não é moça,  
não veste vestido de renda,  
nem tem argola na orelha.

Minha terra é menino,  
é um vaqueirinho  
vestido de coiro.

As calças de coiro  
cobrindo as listradas,  
o parapeito e o jaleque,  
o chapéu enfeitado de linha vermelha...

Ele tem u'a viola que toca de-noite,  
quando a lua clareia.  
Ele sabe tiranas, ele canta bonito.  
Minha terra não é a morena de Caio de Freitas.  
Minha terra é menino,  
que planta feijão  
e fuma cachimbo  
e toma torrado  
e bebe cachaça  
e masca fumo de Inhambupe.  
O menino já anda com faca na cinta.  
Tem bôa pistola.  
porque tange comboio.

Minha terra não é moça.  
Minha terra é menino.



# Notas folqueloricas

## Sobre uma anedota do nordeste

Contam que o caso se deu no Ceará.

Era um sujeito muito preguiçoso, que levava o dia inteiro *amansando os punhos da rede*. A pobre da mulher, os pobresinhos dos filhos, coitados, labutavam na roça, de manhã à noite, entrava semana, saía semana; iam ao mato buscar lenha; à cacimba apanhar agoa, à feira comprar mantimentos. E o ladrão do cabra *dando de mamar à unhua*, espichado no fiango, embalando-se, *rrá-rrã, rrá-rrã*.

Uma tarde, levantando-se vagarosamente da tipoia, chegou ao meio do terreiro, espreguiçou-se, bocejou como um bemaventurado. Da panela, fervendo sobre tres pedras, vinha-lhe às narinas o cheiro bom de um escaldado. Que essas passageiras ressurreições só tinham lugar quando tão grato odor lhe embarafustava pelos alforges a dentro. Depois de sungar as cerou-

las, olhou o horizonte, tomou um *sentoma dos ares* e poz-se a dizer à mulher:

— «Un! vae chover um dia destes... Amanhã ele vae roçar por ali, por ali, por ali...» Ao mesmo tempo, com o fura-bôlos enristado, apontava o capoeirão circumjacente, descrevendo, no ar um arco de circulo. «Quando o mato secar, ele encoivara, queima e planta tantas medidas de feijão. Quando o feijão estiver maduro, ele colhe tanto, vende ao *seu coronéo* fulano e compra um cavalinho, *mode* ir na feira...»

Ahi, um dos pequenos que lhe estava atento aos projectos, atalhou mais que depressa:

— Papae, ele tamem vae, amuntado na anca...

O sujeito mandou-lhe um pescoção, que o revirou longe, de cambitos para o ar.

— Tá bêsta, corno! Tú qué me descaderá o animao?

Antes de passar às considerações que sobre a anedota quero

fazer. No Nordeste, a gente do povo, falando por outrem, nunca emprega o pronome pessoal da primeira pessoa do singular ou do plural, suas variações e os possessivos correspondentes. Maximè si a pessoa por quem se fala é de sexo diferente ou representa na narrativa papel deprimente, antipatico. Assim é que si um individuo, repetindo palavras de certa moça, disser, por exemplo, — *Mamãe, eu quero me casar*, — cae-lhe a assistencia em cima, troçando-o: — *Ou! tú sois muié? Não*. Reproduzirá o dito da joven nestes termos: — *Mamãe, ela quer se casar*.

Vamos adiante, agora.

Lendo a obra immortal de Cervantes encontro duas passagens da historia do heroe manchego que, fundamentalmente, versam casos analogos ao do preguiçoso cearense e o filho. A primeira, quando o cavalleiro da Triste Figura castigou o fiel escudeiro com dous tremendos «palos» por se desesperar esse com a recusa do amo em tomar por esposa a suposta Princeza Micomiona, (parte I, cap. XXX); a segunda, quando Sancho Pança, sonhando encontrar-se «governador de una insula», teve com a mulher renhido bate-boca por causa do marido que nessa situação dariam á filha, Mari-Sancha (parte II, cap. V.)

Ainda mais. Lindolfo Gomes,

no livro «Nihil Novi...» (Juiz de Fora, 1927, pags. 160-165) apresenta um capitulo consagrado a historias e anedotas inspiradas no mesmo tema em que se enquadram o caso que venho de narrar e bem assim as duas citadas passagens do «Don Quijote de la Mancha». Taes são: um dos «contos populares», por ele proprio coletidos, variante de outro colecionado por Adolfo Coelho; uma fabula de Lafontaine; um apologo hindú; um auto de Gil Vicente; um apologo de Bonaventure des Perriers, do seculo XVI; um conto didatico de Arnaldo Barreto nesse inspirado; e ainda outro apologo, do autor do livro a que me reporto, calcado sobre as produções citadas de Gil Vicente e de Perriers.

Para mim, desautorisadissima que me é a opinião, nenhuma influencia tiveram taes produções na formação da historieta nordestina. Nem, ainda, um dos contos das «Mil e uma noites», não citado por Lindolfo Gomes, pertencente ao mesmo ciclo tematico.

O gesto do matuto cearense, tendo-se por dono do cavalo antes de possuir sequer os meios de adquiri-lo, traduz a situação, muito humana, de, como lá dizem, «contar com o ovo no... oveiro da perúa». Assim, a anedota espontaria naturalmente, sem que na imaginativa do seu

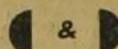
anonimo autor houvera nem de leve atuado a influencia daquelas historias, que em absoluto ignoraria. Pois quantas vezes não estava ele contando com o ovo antes da perua pô-lo? Quantas vezes, ao redor de si, não via estarem agindo assim?

Como, pois, não lhe poderia ocorrer a idéa de fixar semelhante atitude corriqueira da existencia no caso do preguiçoso matuto?

Do mesmo modo que a ane-

dota em apreço, muita coisa ha em a nossa demopsicologia que se quer filiar a isso ou aquilo da literatura oral de outros povos, bem podendo ser criação espontanea da nossa gente, inspirada em momentos correntes na vida humana. Ter-se-á, pois, no presente caso, segundo Gustavo Barroso («Através dos folklores», São Paulo, 1927, pag. 75), «uma egualdade de manifestações produzida por uma egualdade de imaginação.»

J. DA SILVA CAMPOS



# de Samuel Campêllo

## Pastoril de minha terra

No pateo todo enfeitado de  
folhagens e bandeirinhas  
onde a luz era de azeite de carrapato  
com os pavios enfiados em tóros de bambús  
estava armado o tablado das pastorinhas.

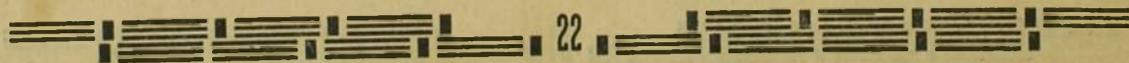
« Bôa noite meus senhores  
viemos cumprimentar  
que já é chegada a hora  
chegada a hora  
nós queremos  
nóe queremos vadiar ».

Bravos a mestra!...

E' a contra!...

E' sempre a diana!...

E a rapazeada de pinta no olho  
alegre e divertida  
mas pronta a brigar no primeiro momento  
a tiro e a faca de ponta  
disputava a primasia  
do cordão azul  
e  
do cordão encarnado.



Brá... á... á... vos a mestra !...

«Senhores todos queiram desculpar  
algumas faltas que se derem aqui  
pois eu não tenho habilitações  
pra ser a mestra deste pastoril»

Quanta modestia !...

Bra... r... r... r... r...

E' a professora !...

Mãos esquerdas dobradas no quadril

braços direitos para o alto

agitando os pandeirinhos no ar...

O pastoril com suas jornadas

era uma escola de coreografia.

Chapéos, bengalas, paletós,

jogados no palco

pra pastorinha pisar.

«Oh rolinha do deserto  
a quem estás amando agora?  
A rolinha não responde  
bate asa, vae embora»

Era a contra-mestra, moreninha clara,  
jambo cheiroso com travos de canela...

O meu pé de fada

que sempre tinha um cravo para mim  
e a quem num dia de entusiasmo

até fiz discurso.

Contra-mestra de minha mocidade

que me fez mudar do encarnado para o azul.

— Meu partido foi sempre

da mulher mais bonita —

— Vae entrar em arrematação um lirio da contra-mestra!  
Gritava o Zé Ventola.

5\$000!...

Seis para dansar.

Seis e quinhentos para não dansar.

Sete para a mestra.

Oito para a contra-mestra.

« Vamos ver quem tem garrafas vãsias para vender »

E o velho soltava graças desengraçadas  
para o povo rir a bandeiras despregadas.

Disa, pé de fada!...

15\$000, 20\$000.

20\$000!...

« Planto alface  
mais não acho  
se mais achara  
mais tomara  
mais levava »

20\$000, 20\$000

nesta voltinha que eu dou  
bata seu mestre...

BUM!...

— Agradeça, sá dona.

« As estrelas no céu correm  
todas elas em carreirinha  
assim correrão os beijos  
de tua bôca pra minha »

E' sempre a contra-mestra!

No pateo todo enfeitado de

folhagens e bandeirinhas  
onde a luz era de azeite de carrapato  
com os pavios enfiados em tóros de bambús  
estava armado o tablado das pastorinhas.

Mãos esquerdas no quadril

braços direitos para o alto  
agitando os pandeirinhos no ar.

Chapéos, paletós, bengalas  
jogados no palco  
pra pastorinha pisar.

« Vamos todas companheiras  
passeiar e divertir,  
vamos dar adeus ao povo  
que é pra nós poder partir »

O pastoril era uma escola de canto e coreografia.

Tanto tempo!...

Agora só recordações.

« Assim correrão os beijos  
de tua boca pra minha »

Onde estás contra-mestra

cheirosa como o jambo cheiroso  
com travos de canela?

« Oh rolinha do deserto  
a quem estás amando agora? »

Espero em vão uma resposta.

A rolinha não responde...

BATEU ASA... FOI EMBORA...

RECIFE, 1928.

# No garimpo da vida

Ao relento,  
A' canícula,  
A' chuva,  
Ao vento em lufadas,  
Moireja seu relidar incessante,  
Com paciência de iluminurista,  
O homem do garimpo,  
«O caçador de esmeraldas»,  
Microscopista desarmado de um mundo  
Invisível a nós outros,  
Profanos...

Sol a sol...  
Vão-se estios e invernadas...  
E, ele, o garimpeiro pertinaz,  
Não corta a labuta;  
Sempre o mesmo:  
Bateia na mão,  
Outra vez o carumbé,  
Ao lado o piquá,  
Na ansia intermínua de descobrir veios novos  
E férteis.

Ei-lo a buscar:  
Mister ingrato e cubiçoso.

Bateia que bateia,  
Cata e recala,  
Procura,  
Perquiere,  
Esmiunça com a pachorra de uma avó  
A matar cafunés,  
Na cabecita loira da netinha.

Apura a vista:  
— Um diamante! Tenho feita a minha vida!  
Mira e remira-o,  
Examina-o,  
Esquadrinha-o,  
Especula,  
Reflecte,  
Pondera  
E conclue:  
— E' cascalho!

.....  
O garimpo é a imagem perfeita da vida.

FRANCISCO HERMANO

de ARTHUR DE SALLES

## Espumas

Como brincam doudas como umas creanças  
as espumas leves com as maretas mansas.

Penso que a mãe-da-agua foi que as deixou soltas  
ao sabor do vento, das marés revoltas,

como rosas murchas do real toucado,  
como rendas rotas do seu véo gelado.

Surgiu-me a infância ali no meio delas,  
na carreira franca  
á tarde, no beiral da praia curva e branca.  
O mesmo céu de agora, o mesmo mar sem velas.  
Pedacos de cortiça, uma pena espetada,  
eram barcos galgando a mareta dourada.  
É esvoaçante, passara, inquieta,  
corria ao borboalhão da açodada mareta  
e enchia as mãos de espuma. Aquelas rosas frias  
iam-se diluindo. Ela ficava olhando,  
e triste interrogando  
porque a espuma deixava as suas mãos vazias.

Como brincam doudas como umas creanças  
as espumas leves com as maretas mansas.

E veio a adolescência,  
onda revêssa, espumarada de ouro,  
brigue que quer partir em busca de um tesouro  
cujo brilho incendeia o céu e o mar,  
Sereia ansiosa, abrindo os braços, na fremencia  
de tudo amar! de tudo amar! de tudo amar.!

E uma tarde em que a praia era uma mina, acêsa  
ela atirava aos impetos do vento,  
com as flamulas do sonho e os pavilhões do verso,  
as galeras reais do pensamento...

Era um canto disperso,  
belo, dessa beleza,  
que ha no brusco do vento e no inquieto da vaga...

.....  
A's vezes longe desta plaga,  
deste amigo rochedo,  
dentro da solidão, riba núa, sem fraga,  
onde o frio rosal do silêncio floresce,  
dentro da multidão, de chofre me apavora  
aquele gesto do infantil brinquedo.

Como que sinto, olhando  
as mãos em concha, tremulas e frias,  
que ainda ha pouco as colmava um punhado de espuma.

(Vejo-as, brincam doudas...) Tudo em roda é bruma  
E eu levanto (doudas como umas creanças  
as espumas leves com as maretas mansas)  
para um céu de bruma duas mãos vazias.



## CHOUPANAS

Elas aparecem á beira das estradas.  
Como fantasmas...  
Como restos de excidios, de escombros e de ruinas.  
Como reticencias de sombra  
Na grande pagina radiosa da terra...

Tropegas  
Exaustas  
Rotas...

Mendigas esgrouviadas  
Com o sacco vazio do pão do riso claro,  
Com a bilha vazia da agua da alegria,  
Com a alma deserta dos cantos da vida forte.

Frios bocejos senis  
Lesmando o corpo estuoso e matinal da terra moça

E os meus ritmos de esperança  
Vão caindo pelas estradas luminosas,  
Que essas choupanas malassombram,  
Como hosanas  
Como himnos  
Como fremencias de clarins vitoriosos  
A' futura claridade das cidades e das vilas  
Das altas torres clangorantes,  
Dos casaes, celeiros do pão do riso claro,  
Das fabricas,  
Das escolas  
Resonantes dos cantos da vida forte.

O' a futura vida bela e moça  
Dentro da gloria e do esplendor da terra moça.  
Da terra bela.

# De Cavalcanti Freitas

## O meu poema ímortal

*Este é o meu mais belo poema...  
É o meu grande poema de Ascensão;  
De voluptia,  
De deslumbramento,  
De sublime pecado,  
De infinita Emoção.*

*Nasceu de uma lagrima  
divina,  
que não brotou,  
indiscreta e humilhada,  
da alcova  
iluminada  
dos meus olhos.*

*A lagrima quintessencial  
da Beleza suprema,  
imortal,  
sonora,  
quasi inexistente,  
que a gente não chóra,  
como as outras,  
inutilmente.*

*E de uma vontade impetuosa,  
que ficou sufocada,  
naquele instante,  
mas que se renova,  
em mim mesmo,  
maravilhosa,  
estuante,  
cheia de esplendores,  
na glorificação luminosa  
de outras vontades maiores.*

*O meu grande poema  
é este duplo prazer  
de admiração  
e de amor.  
E' o desejo incontido  
da posse  
e a encantada fascinação  
da Belêsa,  
que se condensam,  
na mesma delícia da dôr.*

*O meu grande poema...  
E' este o mais lindo que eu já fiz...  
E' o meu poema imortal,  
cuja glória suprema,  
original,  
é de não ter sido  
perfeito,  
como eu quis.*

*E' o meu poema de amor...  
E ficará nos meus olhos  
brincando,  
enquanto eu tiver nos meus lábios,  
sorrindo,  
estonteante,  
tal como eu senti,  
o pecado sonoro  
daquele resto de taça,  
que eu bebi.*



de **Roberto Correia**

## A VERGONHA

— *Ad alta*, amigo! Olha para o azul, homem de Deus!

Polycarpo estacou, perfilando-se, de subito.

Sua amarrotada fisionomia espelhava-lhe os íntimos acabrunhamentos.

— A passos tardos, vistas voltadas para o chão tu, que te adonizas, por que te desejem as raparigas gentis? . . .

Polycarpo deixou afflorar-lhe aos lábios um sorriso entre de magua e saudade . . .

— Alarma-me o teu estado d'alma: silencioso e triste! Parece-me que perdeste o que quer que fosse . . .

— Sim. Tu o disseste, perdi. Perdi o que não imaginas, amigo.

— Perdeste a fé?

— Como perdê-la, se não a experimentei jamais?! Meu coração é como o cardo sempre

defeso ás virtudes que amenizam a animalidade humana.

— Turvado tens o espirito, bem o vejo. Perdeste, acaso, o amor?

— Esse, de que me falas, não o perderia nunca, se me houvera proporcionado o bom destino a graça de possuí-lo. O amor é infenso aos que vivem a vida tumultuaria, que voluntaria e despejadamente adoptei.

— E' grave o teu caso. Flagela-me, agora, a curiosidade. Dize-me o que perdeste. Já estou sofrendo contigo.

— Perdi o que me não é facil readquirir. Antes tivesse fé, e a perdesse; melhor me fôra perder o amor, se o possuísse.

— Assim ?!

— Deveras. Perdi meu excelente emprego e minha inimitavel delicia.

— Como se explica ? Em-

prego e delícia perdidos inopinadamente é um golpe da sorte avessa a que se não pode resistir de animo sereno. Mas não te compreendo bem. Conta-me a tua história por menores. Talvez logre remediar-te.

— Não o lograrás, de certo. Entretanto conta-la-ei, a tí, por bem te atender a benéfica e amistosa insistência e porque se me apazigúe o coração. Ouve-me pois: — «A Nenê, a bela Nenê, atirou-me ás urtigas, enxotando-me com violência e aspereza!» . .

— E te não perguntei, Polycarpo, se perdeste o amor? Porque mo negaste?

Atende-me. Não te o neguei. Queixa-te de tua errada visão. Esse amor que se inicia sonhando, sonhando, razão suprema da eternidade do romantismo no coração do homem, ainda me não deu a honra de sua visita.

— E a Nenê?

— Não era a flor aveludada e pulcra sobre que pousassem meus olhos deslumbrados; era o fruto sumarento e opimo em que se deliciavam

meus lábios incontentados. Não era um sonho irisado, sorrindo-me de longe; era a carne viva e cheirosa e moça e quente, gosando-me em todas as attitudes e com todas as energias de sua irrefreavel e irreverente volúpia.

— Que me queres dizer com isso?

— Que estás iludido, julgando-a meu amor, quando era simplesmente — minha amante.

— Tens razão. Não o nego. Errei, como se fôra inexperto adolescente. Mas, poderás, sem canceiras e com a argúcia, que te caracteriza, preencher o trono que te deixou vazio a Nenê.

Polycarpo sorriu-se amargamente, meneando a cabeça. Depois murmurou, entre dentes: — A Nenê! a graciosa Nenê! Goso, descanço e pão perdidos a um tempo!

— Consola-te Polycarpo. Deverias ter reparado em que a Nenê tem o olhar das mulheres irremediavelmente volúveis.

— Erraste redondamente. A Nenê não é uma volúvel. É uma arrependida.

— Arrependida?! Bem te apercebeste disso?

— Positivamente. Vais ouvir a nossa historia e ficarás convencido, ouve-me:

« Como sabes, velho companheiro que me tens sido, constante, dessas tepidas noites mal dormidas, eu e a Nenê nos encontramos no ambiente de uma porneia chique. Conquistei-a jeitosamente. E, desde então, entrei na posse de invejavel bem-estar, tornando-me um homem livre de preocupações irritantes. Vivía da Nenê e para a Nenê. Era-me a sombra acolhedora! a folha de parra! o vinho generoso! o *pão nosso de cada dia* e o resto!

Ontem, porem, justamente ás horas em que cheguei, horas do costume, ás horas do meu uso, quando fechava o seu emporio e «me abria os braços»-- lindos braços veludosos — a Nenê chorava! Chorava, convulsiva, soluçando!

Fiquei aturdido. Aproximei-me receioso. Pús-lhe de leve as mãos sobre a cabeça perfumada e bella, procurando, carinhosamente, saber-lhe os sofrimentos.

Repeliu-me, intimando-me:

«Retira-te, Polycarpo, retira-te. Preciso ficar sosinha. Faz-me bem a soledade. Retira-te. Quero chorar á vontade! Foge! Deixa-me!»

— Deixar-te-ei, respondi-lhe, porque mo exiges. Entretanto, minha piedade ou meu dever obriga-me a perguntar-te o que tens.

«Nojo dos homens! dos homens todos!

— Que? tambem eu sob o fogo de tuas iras?

— Tambem. Porque semelhante exceção? Fôra insincera se a fizesse! Estou fundamentalmente enojada de todos os homens! Dos seus gestos estudados! das suas fingidas carícias! das jóias que a sua luxuria me presenteara a deslavada impudicia! Vae te. Vae-te, por Deus! A saudade de quando ainda não havia provado o contato do mundo aperta-me o coração e me enoitece a alma. Deixa-me! Tu e todos os homens, vós todos, me aborreceis! Tenho repugnancia da vida que o mau destino, arrancando-me, covarde, ás doçuras da escola, onde era das primeiras, tem me obrigado a

viver! Dei por terminado o meu contrato com os vícios e as abjeções! Voltarei para Deus, voltando ao seio materno! Que doces, que foram os dias de minha infância! Tornarei ao remanso onde os vivi! Os homens são todos maus! Todos! Eu os detesto! Eu os odeio! Deixa-me, Polycarpo! Retira-te! Esquece-me!

Tremí. Chorei no coração.

«Voltar ás noites em claro, nas porneias; ao café ralo dos quiosques; ao mingau da Maria Benedita; aos charutos da porta do Mercado e á boia dos freges da Barroquinha e Baixa dos Sapateiros...» foi o terrível pensamento que, de subito, me esfervilhou no cerebro escaldado.

Ahi a minha historia; e eis-me aqui, em pleno desamparo, até quando . . .

— Até quando a Nenê se tranfigure de novo!

— Porque o dizes?

— Porque todas as que sofrem, todas as que foram acometidas desse terrível mal, que é a *loucura da prostituição*, têm desses *momentos lucidos*: São rápidos.

— Achas ?

— Não o duvides. Acalmate, que desta vez ainda não perdeste o *bem-estar*.

\* \* \*

Polycarpo resfolgou, acreditando sinceramente no prognostico do amigo; e, despedindo-se, um tanto ou quanto confortado, seguiu o seu destino.

\* \* \*

Seguiu olhando para o chão ou para o azul ?

Indiferente . . . Nem num nem noutro ponto, conseguiria encontrar o que, em verdade havia perdido de todo — A VERGONHA!



# A Bahia quer e pôde...

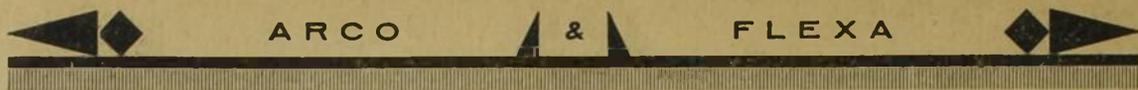
O sentido moderno das coisas literarias da hora presente, está creando um Brasil novo, dentro do Brasil descoberto por Cabral. Sente-se, agora, a intensidade de vida brasileira. Brasileira na essencia. Brasileira do amalgama luso—indio—negroide.

A febre de crear, a ansia de aparecer, o desejo de mostrar, em caracter puramente nosso, toda a vitalidade do talento e da intelligencia da raça, empolgam a gente moça, que está dinamizando a historia, os costumes, os feítios caracteristicos dos nossos antecedentes e lhes cantando, em ritmo livre, como se a contrastar com esse silencio de submissão que é todo nosso, a alma lirica do homem brasileiro.

Crear, crear o tipo nacional, tal qual ele é. Brasileiro que sabe, conhece e sente o sertão e o mar... Que se não apavora nem do progresso nem da barbaria. Acasala uma e outra coisa, para exprimir, dizer alto, que sentimos o Brasil na sua multiplicidade de aspirações, sem, contudo, perder as caracteristicas do seu tipo.

Brasilidade sem privilegios. Nem só o homem da cidade. Nem só o homem do sertão. Um e outro, palpitando numa mesma cadencia, num mesmo sentimento, numa mesma ardencia de volupia pelo que é exclusivamente nosso. Brasileirismo sem apêgos a tradições extintas, nem a caducas rotinas.

Por isso, nós, os moços, aqui estamos, na vanguarda dos cinco sentidos novos, gritando sem titubear, que ansiamos uma patria nova, novissima. Na politica, nas artes, nas letras. E esse querer não se tem limitado em palavras, em promessas, em cogitações. A pratica é que é o nosso lema. A pratica é que é tudo. Fale ARCO & FLEXA pela sua gente. Clarine forte, na sua

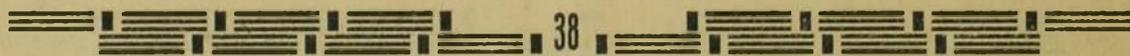


coésão imperturbavel. «A Bahia quer e póde», tambem, seguir na dianteira do movimento modernista do Brasil.

Aquí, dentre em nós, não ha fascinações por idéas mortas nem recuos do ponto de vista retrogrado. «A Bahia póde e quer», ao contrario do que disse Arthur Neiva, acompanhar a evolução que o momento exige e comporta. Prova-o o que está feito. Brasil pelo direito. Brasil pela razão. Brasil pela beleza.

Brasil—mocidade.

**PEDRO A. DE ALCANTARA**



# Mademoiselle Bataclan

(RETRATO)

E's Bataclan, Mademoiselle!  
Do olhar ás faces de romã,  
Do andar ao traço, á côr da pele,  
E's Bataclan!

Sei que não gostas que t'o diga  
Porque isto ofende o teu recato.  
Mas vou pintar — talvez consiga —  
O teu retrato.

Escuta, pois, se porventura  
Ouvir o mais não te aborrece.  
Não é a tua esta figura,  
Porem parece.

Nem é porque me obrigue a rima  
Que a batisei de Bataclan,  
Mas porque sei que é tua prima  
Ou tua irmã.

Vae se acabar o teu receio  
Com a descrição que tarda já.  
E, visto que é retrato alheio,  
Escuta lá:

— E' um ser que os sabios procuram  
Saber se é mulher ou flôr.  
E' o tipo ideal, apuram,  
Para o amor.

Seu lindo cabelo brilha,  
Todo em ouro, á luz do sol!  
Bataclan parece filha  
Do arrebol!

Sem que de ser bela deixe,  
Dá-me a impressão singular  
De ser de nervos um feixe  
A vibrar.

Sem motivo fica amuada,  
Sem motivo ri, contente,  
Toda a perna, bem calçada,  
Mostra á gente.

Tudo nela é natural:  
A alegria, a morbidez...  
E' uma graça espiritual  
De francesa.

Tão delicada e franzina,  
E' tal qual um camafeu!  
Diz muita gente ferina;  
Mas não eu!

Quando ela passa se pensa  
Que no chão com os pés não pisa,  
Porem que, em pleno ar, suspensa,  
Se deslisa!

Olhar de bruma e de escolhos...  
Que magua soturna fere-o?  
Quem descobre dos seus olhos  
O mistério?

Um namorado preciso,  
Um noivo, não sei se tem.  
Nunca a ví dar um sorriso  
A ninguém!

Que voz! meu Deus! — hostia, alfange,  
Orgam, piano, flauta, sino!  
E' melhor, porque não range,  
Que o violino!

Indo á Barra futingar.  
Um dos vates futuristas  
Disse — E' Venus!... Vem do mar!...  
Vêde, artistas!...

Tem um não sei que de esfinge.  
E' fluída, leve, coleante  
E é — menos do que se finge —  
«Nonchalante»!

E por isto e por aquilo...  
Por tudo mais que bem sei...  
Em bataclanico estilo  
A pinteí.

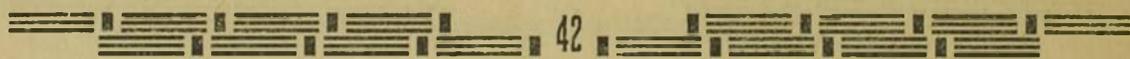
ERASMO JUNIOR



de HELIO SIMÕES

## YARACY

Foi sem nunca ter visto a sua face bela e meiga que eu gostei de Yaracy pela brandura doce do seu nome, como se reconhece e ama a rosa ainda escondida a vista pelo suave perfume que trescala, ou como se percebe a lua que o horizonte ainda encobre, pelos clarins de luz que a precedem na noite e anunciam aos homens, aos vegetaes e as pedras, que a todos ela importa e a tudo acaricia, a eterna sonhadora e geratriz dos sonhos. Depois, ainda me lembro, uma manhã de outomno, alguém me quiz mostrar num carramanchão florido de rosas como a neve imaculadas brancas... mas não a pude ver porque entre tantas rosas não soube distinguir a rosa da minh'alma. Outra vez numa tarde ao pôr de um sol de fogo, em quanto se apagava no mar a braza rubra do sol, um amigo de ambos nos mostrou-me sorridente, entre as pombas, de branco, a distribuir-lhes pão, e as pombas, voavam e revoavam sobre ela sem receio julgando-a talvez uma pomba também, e eu que para a ver daria a propria vida, e eu cuja razão de ser era unicamente ve-la, não a pude distinguir de branco como estava das pombas que voavam e revoavam sobre ela sem receio e julguei-a talvez uma pomba também!..



Mais tarde era já noite e a noite era de lua;  
no seu jardim pequeno e mimoso como ela devia ser um  
bando de crianças garrulas brincava de contar as estrelas as crian-  
cinhas do ceu;

e alguém que ia comigo, alguém que via tudo porque  
cego d'alma percebia as coisas como elas são no mundo real-  
mente, disse-me que ela estava entre as crianças

e embalde eu procurei entre os pequenos loiros a minha  
Yaracy que eu nunca pude ver.

Um dia (como é duravel meu Deus a Memoria da dôr !) um  
mensageiro negro, um frio mensageiro que foi sem o saber car-  
rasco da minh'alma, disse-me sem tremer, com frio laconismo:

Yaracy morreu!

Não sei o que senti. Estatico, fulminado, inconscientemente,  
permaneci de pé sem sem lagrimas nos olhos porque a dor  
quando é suprema anestesia a dôr;

depois tornando a mim, chorei amargamente e as lagrimas  
que eu verti sabiam-me a fel.

Vendo-me a chorar o mensageiro negro cingiu-me contra o  
peito e, consolou-me assim:

«Nunca a viste na terra, consola-te que has de a ver no ceu»

E eu no desespero da dôr sem lenitivo, no horror de quem  
presente o sem remedio, sem esperança de a ver jamais lhe res-  
pondi n'um grito:

«Como hei de a distinguir dos anjos, meu Senhor !..»



# de Ramayana de Chevalier

## *Paixão de Mulher*

— E mesmo que eu confesse, e que diga chorando  
O meu imenso amor, este amor que me traga?

— Mesmo assim, porque tu embora soluçando  
Não ocultas a traição de teu olhar de maga...

— E mesmo que te diga então em paroxismos  
Minha doida paixão; e cheia de calor  
eu te deixe beijar os meus seios em flôr?

— Eu vejo em teu olhar a insidia dos abismos...

— E, se me vires só, imensamente nua  
Vibrante de voluptia, ardente de desejo  
anseando ser túa, unicamente túa?...

— Falando com franqueza, eu despresava o ensejo...  
A mulher sensual tem um prurido de rua  
E o homem adora mais aquela que tem pejo...

— E porque me não crês, não vês que soffro tanto?  
E possúo o olhar inundado de pranto?...  
Fala! por que não crês em mim em minha dor?...

— Porque, com o mesmo olhar lascivo de mulher  
E' que cantas chorando a outro homem qualquer  
Esse mesmo estribilho: o teu imenso Amôr...

## ELEGIA...

O poeta escreve numa alcova  
vazia como o seu amor...

A chuva é triste... tão triste...  
que planje melancolias na vidraça...

Na rua desgrenhada e fria, um vulto passa...

MELANCOLIA...

O poeta sente frio porque sua mão  
está fria como um coração...  
Silencio é desespero... e desespero é dôr...

O poeta escreve numa alcova  
vazia como o seu amôr...

O vento invade o quarto e deita-se na cama...  
Como um dia de frio é bom para quem ama...

MELANCOLIA...

Dentro d'alma o mesmo frio que ha na rua  
porque a alma do poeta está nua...

Alma fria, rua fria, quarto frio...

O vento na cama estremece no cio...

Silencio é desespero... e desespero é dôr...

O poeta continúa a escrever na alcova

VAZIA COMO O SEU AMÔR...

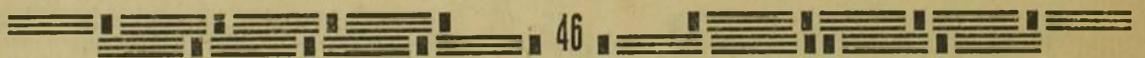


# Ritmo Novo

Abalroamentos de idéas!  
Confusões...  
Lutas titanicas da  
Estetica, da  
Forma, da  
Emoção...  
O ardôr das rebeliões  
literarias, contra o tradicionalismo  
bolorento das velharias!  
Choques violentos...  
Cadeias partidas...  
E a seiva quente  
do ineditismo  
a escalar a magnificencia  
das ansias estuantes  
do Pensamento Novo!  
E no mastro das letras nacionaes  
a bandeira flamejante,  
da literatura, exclusivamente  
brasileira,  
entre os clamôres unisonos  
das aleluias douradas da Victoria!...

H Y L D E T H

F A W I L L A



# A minha doida angustia

A MENOTTI DEL PICCHIA

Espero o meu amôr. Pela rua deserta,  
só o ladrido de um cão vem quebrar o silencio.  
Uma luminosa sentinela aberta,  
bruxolêa no olhar dos lampeões parados  
espreitando na treva alguém que pela rua  
passe cantando uma canção qualquer...

E o meu amôr não vem... Um relógio doente,  
no torreão de algum mosteiro antigo  
cóspe na noite imensa a meia noite...

Um bando de boémios,  
canta uma sonata triste pela rua triste,  
esperando alguém que venha com certeza,  
estrangular, sorrindo, essa enorme tristeza...

Os lampeões, na treva, espreitam como olhos,  
alguém que pela rua,  
passe cantando uma canção qualquer...

E o meu amôr não vem... Doida ansia de ve-la  
fere a minha emotividade fina como um véo...

um pedaço de nuvem, esgarçado no céu,  
ia cicatrizando a chaga de uma estrela...

JOSÉ QUEIROZ JUNIOR

*de Castellar Sampaio***A CANANGA  
DO DIQUE**

(NOVELA)

**A PARTIDA**

## I

Quando o relógio da matriz soou as quatro horas da madrugada, Santarem das Dores — suspirando fundo — passou os olhos em torno á mesa e vislumbrou enternecido a saudade bailando entre lagrimas no semblante dos seus.

Levantou-se, tonto de emoção e, um a um, demorada e carinhosamente, os foi abraçando: os irmãos, as irmãs — as meninas como êle as chamava, a velha que o criara, o pae adorado, e a santa que mais lhe acorrentava o coração áquella casa — sua mãe.

Oscilante, os olhos languês de emotivo velados de lagrimas, tartamudeava, a uns um consolo — na promessa de uma volta breve, a outros uma palavra de coragem, a fatalidade da luta, a necessidade da ação.

Mal se pudera despegar dos braços da Mãe estremecida, e olhando-a bem dentro dos olhos, parecia querer beber, num hausto, para toda vida, a agua benta que dêles corria como de duas fontes de bondade...

Arrancou-o piedoso daquêla contemplação estraçoante o pae, muito amoroso e pouco expansivo, que, num breve abraço, disse, beijando-lhe levemente os louros cabelos anelados:

— Adeus! Deus te abençoe e te guie.

Santarem, confuso como num sonho, engulia os soluços e as lágrimas, ingenuo e encantador, na singeleza de sua magua.

Quando deu acôrdo de si estava na rua. A brisa da madrugada corria suave e doce como uma carícia. Os lampiões coavam uma luz mortíça, triste como os olhos dos velhos. Uma a uma as estrelas piscavam escondendo-se. E lá se ia êle pelas ruas desertas, a escutar o ecoar de seus próprios passos na calçada.

A saudade envolvia-o. Penetrava-o.

Ao aproximar-se da ponta de embarque, o bulício dos viajantes, o alarido dos carregadores, a indiferença geral doíam-lhe como um insulto á sua sagrada magua. Como um sonambulo entrou no navio, atirou-se a um canto e, desdenhando os pudores da virilidade nascente-cheia de proezas e de ostentações — chorou perdidamente.

Quando o vapor trilou o apito — fundo e prolongado como um gemido — sua vontade adormida reagiu e êle foi despedir-se numa derradeira mirada da terra querida.

Abraçou de um só olhar a paisagem. As torres, as fabricas, o casario, toucados do sól nascente, desenhavam-se nitidos no ar humido da manhã. Certos angulos, certos particulares até ahí despercebidos impunham-se-lhe á retina, e parece que o poder de sua visão se alargava na ansia em que êle estava de apreender e guardar o panorama que se fugia á marcha rápida do vapor.

Já se iam diluindo, ao longe, misturadas á nevoa que se condensava sobre o rio — como um incenso — as casas mais baixas.



Os próprios sobrados já diminuïam. Confundiam-se aglomerados os bairros e, mesmo as torres das igrejas já se perdiam nos longes brumosos.

Demorando constante, á amurada até a extrema curva do rio, onde os montes ocultam de vez a cidade ridente, cerrava a meio as palpebras, cioso de não perder o ultimo aceno de sua terra.

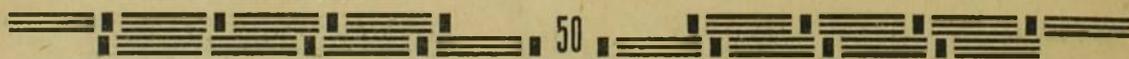
Quando essa de todo desapareceu e êle se sentia já demasiado só, lembrou-se do cruzeiro ao alto do monte, de onde tantas vezes, na peraltice de menino, fôra espiar o longinquo aparecimento do vapor, muito antes daquela curva, para vir, aos arrancos, ladeira abaixo, dar a noticia da proximidade, antes do trilo avisador.

Elevando os olhos, viu-o, avantajado e imponente, braços muito largos e muito abertos para o céo, feito uma imprecação de dor...

Nunca o sentira assim. Era a saudade que lhe abria os olhos, do mesmo passo que lhe apertava o coração.

E ao comtemplal-o teve um vago presentimento de que aquéla cruz era um simbolo dos sofrimentos dos que se afastam de sua terra...

( CONTINÚA )



# EVOÉ

(MOTIVOS DE CARNAVAL)

**Evoé!**

Evoé — meu carnaval..  
 Meu carnaval de tristeza  
 Que o tédio sentimental  
 Escreve a um canto de mêsa.

**Piafa, meu corcel!**

Evoé — reboar de clangores de trompa.  
 Alacres,  
 Desfraldadas, ondulam, na ebbriez dos massacres,  
 Rebeliões de espavento.  
 De gualdrapas ao vento,  
 Piafa, meu corcel, de sofregas narinas!  
 Ha, como um cantico de amôr pelas colinas,  
 Guitarras de D. Juans,  
 Violas de Mefistofeles.  
 Ha parabolos vans,  
 Cabalisticos triangulos isosceles.  
 Pampanos. Purpuras. Penachos.  
 Enguizolados cachos  
 Em caracól  
 De verdes parras voltadas para o sol.  
 Pégaso alegorico espasmado na altura,  
 Vestido de ouro velho enastrado no barro  
 Da ferradura,  
 Piafa, meu corcel, levanta  
 As patas condoreiras para o ar  
 Estendidas, como benções sobre o mar  
 De cabeças como a tua, mas sem o brilho das crinas!

**Turbilhão**

Atropeladas cruzam serpentinias  
 De todas as janelas. Evoé! Chuveiro  
 De confetes  
 Desvairando, pairando,  
 Rolando, voando..  
 Um preamar de côres açoutadas de luzes.  
 Risos. Flôres. Perfumes.  
 Trompas. Clarins. Galhardetes.  
 Evoé! Dionisius! Afrodite! Sibaris!  
 Febres. Vertigens. Coleras. Assomos.  
 Deslumbramentos de arco-iris em furia  
 Das paixões e dos instintos, formidavel  
 Estridor da luxuria  
 Universal.  
 Tendias, brocados, tirsos, mil troféus confusos.  
 Ei-lo, ali passa, rei dos reis abstrusos,  
 Evoé! Carnaval! Carnaval! Carnaval!

**Entre parentesis**

O quotidiano  
 Em travesti de loucura  
 Faz disso cada anno  
 Caricatura.

**Paroleia Arlequim**

E a farandula esbarra o estrupido na praça.  
 Paroleia Arlequim, poeta da populaça:  
 «Gloria a quem romperasga a estúpida fronteira  
 Do senso, e cae na gloria unanime da asneira.  
 Gloria a ti, galvanizador da miseria,  
 Creador da alegria, inventor da pilhéria,  
 Momo, meu pae, meu deus, meu tudo,  
 Gloria a ti.  
 A vida inutil que eu vivi  
 De esforços vãos e lamentaveis queixas  
 Lavem-ma, agora, as aguas lustraes do entrudo.  
 Gloria a ti, neste momento  
 De liberdade feliz.»

### Novo parentesis

Não faço versos de troça  
 Nem por troça já os fiz  
 Quando meu éstro se coça  
 Torço da musa o nariz.

### Continúa Arlequim

«Foi-se o tempo em que o genio escalavrava o cranio,  
 Para dele esvasar o melhor da obra prima.  
 Hoje, o poeta é instantaneo.  
 E não rima.  
 Não faz toadas de embalar cueiros.  
 Canta na voz das sirenas dos autos  
 No que faz muito bem aos ouvidos incautos...  
 Com o que dizer não quero...  
 Nem discórdo...  
 Esta choldra!...»  
 Embargou-lhe a palavra um estalar de pandeiros.

### O cortejo

Irra! lá vem o dia lindo como um brinco.  
 O sol, rubro coral, esgarçando o alvaiade  
 Das nuvens, dança, em corêto de zinco,  
 A pirueta das Horas.  
 Essa, bebida de gôzo, aquela em quebreira de luto.  
 E, minuto a minuto,  
 Dissonoras  
 As Horas vão  
 Vão vindo as horas  
 Lentas, turbulentas, em bailado pagão...  
 E' tempo de passar o cortejo de Pan,  
 Já lhe escuto o compasso, o espraído tantan.  
 Ahi vem Ariel e o amigo Caliban  
 Ahi vem... quanta gente! cabriolando  
 Satiro, rei capripede, Sileno  
 De colo moreno  
 De grego.  
 E' a alegria que espalha o ruidoso aconchego.

A risada é geral a estrumar o fandango.  
 De torso nú, agil de perna, enrasta,  
 Como convem,  
 A turba, elastica, moderna, futurista.  
 Ahi vem, em choréas veugas  
 De todas as betesgas,  
 Ahi vem fauno, ahi vem efebo, ahi vem  
 Toda a Grecia a dansar o charleston, o fox-trot, o tango.  
 Tonto, sacudido no samba  
 Do Olympo,  
 Jupiter, gavroche tatamba,  
 Surge. Tridente cego..  
 — Bom-dia! — grão senhor de cabeça uterina..  
 Minerva... *J'en passe...*  
 Decretada a folia, o Parnaso  
 Fechou a porta. E ahi vem no raso  
 De toda-a-gente, todo-o-mundo, todo-aquele.  
 E o pobre Apolo, coitado! quem pergunta por ele?  
 Rolou do plaustro de oiro ao passar do cortejo.  
 A quadriga em disparo, estouro de cavalos,  
 (E as musas (nove) em cabelo *à la garçonne*)  
 Ahi vem no *guidon*, de automovel.  
 Um bruto solavanco  
 Deixou mais coxo ainda a seu irmão Vulcano.  
 Ahi vem o cortejo. Eu cito mitolojias,  
 Bagunças que nunca li, nem desejo.  
 Ahi vem o cortejo.

**Evoé!**

Evoé! meu carnaval...  
 Meu carnaval de tristeza  
 Que o tédio sentimental  
 Medita a um canto de mesa.

**Cliché**

Jornal de fatos salazes,  
 Grotescos, bufos, communs.  
 Muita tinta. Poucas frases...  
 Eis o processo de alguns.

**Dansarinos**

Cabeças feias de orango,  
 Cabeças chatas de onagro,  
 Eu vos proclamo e consagro  
 O genio alado do tango.

**Colombina**

Da forma sutil de um pomo  
 Que o teu corpete afivela,  
 E's a oferenda mais bela  
 Nos holocaustos de Momo.

**Margarida**

Margarida...  
 Está perdida!  
 Grita-lhe o nome toda a ronda:  
 — Foi levada na onda  
 Levou-a a onda da vida,  
 Margarida ! Margarida !

**Velho**

Tropego, no ultimo espasmo  
 Ante o pavor da descida,  
 Ri-te a ruga do sarcasmo  
 No pandemonio da vida.

**Foliões**

Guaaios, grunhidos, gaitadas,  
 O pudôr junto às sarjêtas,  
 E a vergonha nas calçadas.  
 Bufos. Bruxas. Proxenetas.

**Cordão africano**

Anhangãs de flexa arisca  
 Beiços de intonsos tamoios  
 Em berros, uivos, aboios,  
 Em pinchos de historia prisca,  
 Pulam, tangendo borês  
 Saltam, bebendo cains,  
 Negros, retintos dos pés  
 A' cabeça—Pixains !

**Melindrosas**

Carinha papuda de anjo  
 Em travesti de Antonieta  
 Vae Laura de pandeireta  
 Salerando ao som do banjo.  
 Carmen é quem móve o leque  
 Salomé, ventruda, ostenta  
 Diadema de pechisbeque,  
 Badoque preso na venta.

**Perfidia**

Nunca tiveste juizo  
 Como agora pôdes ter:  
 —Cobra, sacode o teu guizo  
 Que o teu destino é morder.

**Romantismo**

De mãos dadas na algazarra  
 Geral, que os écos perturba,  
 Ninguém vê como se esbarra  
 De quando em quando, na turba  
 De mãos dadas — esse grupo!  
 «Romanticos»! — silva o apupo.  
 E, aturdido, pela farpa  
 O grupo resvala a escarpa:  
 Um, tisico, outro capenga...  
 O' amor — bangalafumenga!

**A chuva**

«Vae chover»... Frio, o vento  
 Roçaga as folhas. De momento,  
 O bom humor da tradição revela:  
 «Não chove! Inda ha lá em cima uma estrela!»

**Serpentina**

Fieira multicôr da tentação,  
 A serpentina  
 E' feminina:  
 Vae, vem, vôa, e cae no chão...

**Domingo**

Pra toda a gente o domingo  
 E' papa, è canja, è presunto.  
 Pra mim — nem mesmo o distingo...  
 Vamos falar de outro assunto!

**Hipocrisia**

Walkirias negras, avòs  
 De toda a raça brasilia,  
 Mamam cachimbo em familia,  
 E, em publico, usam chinòs.

**Misterio**

D'aquella *troupe*,  
 Aquele *loup*...  
 E' de intrigar:  
 Luiza ? Leonor ?  
 Clara ? quem ha de ser ?  
 Não indague, por favor:  
 — Quanto a misterio o melhor  
 E' não saber...

**Humor**

Nunca deixes, por pilheria,  
 Cair o riso no chão,  
 Pois o riso é coisa séria  
 Quando sae do coração !

**Vaidade**

Tiburcia, não perca o tino  
 Bòte a vaidade de banda.  
 No carnaval do destino  
 De qualquer maneira se anda.  
 Que importa que o Nicolino  
 Compre vestidos pra Wanda  
 De còrte mais chique e fino  
 Que o costureiro lhe manda ?  
 Pois não paga ao costureiro...



### Pierrot

Quarta-feira, ei-lo na praça,  
Bambo farrapo de festa:  
No labio — um taco de taça  
E a cruz de um beijo na testa

### Dôr

Si mal? si bem? quem o diz?  
Talvez mal, ou bem talvez...  
Todo o crime foi o tom  
Com que a pergunta se fez:  
— E a alegria, a tua amada?  
— Fale alto que não escuto!  
— Está bôa? Está feliz?  
— Não me vê: eu trago luto...  
E mais não disse... Mais nada.

### Evoé!

Evoé! meu carnaval...  
Meu carnaval de tristeza  
Que o tédio sentimental  
Soluça a um canto de mês.

C A R L O S C H I A C C H I O

# Instituto Bahiano de Ensino

EM APRAZIVEL SITUAÇÃO

CAMPO DOS MARTYRES, 2 e 10 —:— CHACARAS: SARAIVA E MIRANTE

Telephonio Central, 2181

*Internato* para meninos e *externato* mixto (co-educação dos sexos).  
O mais novo estabelecimento de ensino secundario da Capital, ministrando todos os cursos:

SERIADO, com exames validos, sob o regimen de fiscalização federal e Bancas Examinadoras, em 1ª e 2ª épocas;

COMMERCIAL, diurno e nocturno, com uma succursal da escola dactylographica «ROYAL».

PRIMARIO (base do estabelecimento) com organização propria e exito comprovado.

Regimen de educandario: esmerada educação physica, moral e intellectual, com uma filial na Praia dos Tainheiros (Itapagype) para estação balnearia.

Reabertura:—14 de Fevereiro.

DIRECTORES:

Profs. Hugo Balthazar e Alberto de Assis

## SERVIÇO MARITIMO

DE

ANISIO F. DE SANT'ANNA

ESTIVADOR

Rua da Alfandega N. 58 — Telephone Central 961

**BAHIA—BRASIL**

Transporte de mercadorias em lanchas de bordo para terra e para qualquer ponto do litoral ou vice-versa.

Serviços completos de Estiva, Vigias e Conferencias de Cargas.

**FORNECEDOR DE AGUA PARA VAPORES**



N

O

T

I

### Afirmações

*Arco & Flexa*, é a primeira revista filiada ao movimento moderno, que se publica na Bahia.



### Endereço

Todos os contratos, com Pinto de Aguiar, rua Santo Antonio, n. 104, para onde deve ser dirigida qualquer correspondencia.



### Propósitos

*Arco & Flexa*, tem as colunas abertas ao melhor, dos novos e velhos do Brasil, principalmente dos novos, segundo escolha pela Direção.



### Paraguassu'

O fino e espiritual caricaturista, Paraguassú, com a sua ultima exposição, marcou uma epoca na caricatura da Bahia. Reafirmou, de sobejo, pelo seu traço e sua *verve*, nada imitada, ou adaptada aos dos outros, o seu primado de caricaturista majistral entre nós. De fato. Paraguassú não lisonjeia, nem adúla os seus modelos. E' comedido, porém, não lhes perdôa o lado comico, ou mesmo levemente ri-

diculo. *Arco & Flexa* está contente em poder saudar em Paraguassú uma verdadeira intelligencia de artista moço e modesto. Viva!



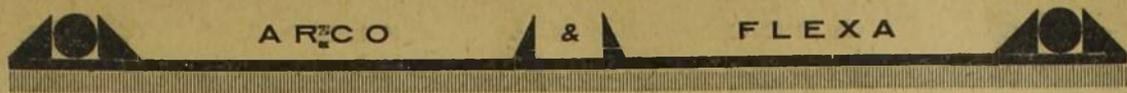
### Samuel Campêlo

Samuel Campêlo é o belo talento de teatrologo, já consagrado pelas platêas do norte a sul do Brasil, que o admiraram na «Rosa Vermelha», em colaboração com o brilhante Waldemar de Oliveira, hoje traduzida para o italiano, e outras peças que ainda continuam a viver na lembrança satisfeita do publico brasileiro.

Escritor de pulso e cronista fulgurante vive em Recife a enleiar com os seus magnificos trabalhos despretenhosos e simples os leitores da admiravel Imprensa de lá!

E' preciso reconhecer em Samuel Campêlo, antes do mais, uma fecunda veia humoristica, sem contraste nem contrafação, simplesmente espontanea, real e simpatica, que o torna credor dos nossos melhores aplausos.

*Arco & Flexa*, que tem a honra de o contar como o seu representante em Recife, publica neste numero uns maravilhosos versos tradicionistas, com que certo folgarão os nossos leitores, sobretudo os intellectuaes, porque versos excelentes de concepção e forma, originalissimos.



# C I A R I O

## Manoel Augusto

Manoel Augusto, o grande artista bahiano, deu concerto. E' o quanto basta para dizer-se: mais um formidável sucesso de pura e genuína Arte. A Bahia disputou-lhe os bilhetes de entrada. E foram imensos os aplausos ao artista. Noite memorável de exito e beleza.



## Francelino de Andrade

O querido mestre Francelino de Andrade, filologo dos mais competentes do Pais, acudiu, pressuroso e gentil, ao nosso apêlo publicado no numero anterior, quanto á grafia de *Flexa*. De como se saiu, garbosamente, o ilustrado predicador do vernaculo, é facil verificar pela leitura do artigo *x* ou *ch*, aqui nesta mesma seção em que publicamos o apêlo, inserto. Agradecemos, com todas as homenagens, a luminosa palavra do mestre.



## Festa verde

Aquele grupo interessantissimo dos modernos de Cataguazes, que de maneira tão significativa se soube marcar neste instante do pensamento nacional, fez festa nova a 5 de Dezem-

bro atrás. No *Commercial Club*. Henrique de Rezende e Delfino Junior, á frente. Teve *falação* do poeta de «Canto da Terra Verde». *Bonecos*, do admiravel desenhista novo. Etcoetera. E Graciema Santos, Olguinha Ciribelli, Lucia Santos fizeram musica, poesia, cantiga, tudo cheio de espirito e de graça. Um abração nos irmãos de lá.



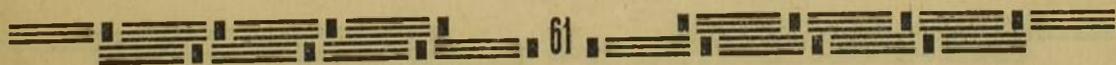
Quando de sua passagem por Cataguazes, chefiando uma embaixada academica, Cardillo Filho disse da *fala* daquela cidade mineira que um grupo de moços de talento descobriu e anda cantando. Disse numa conferencia elogiadissima. Com um poder de synthese admiravel. Muita sobriedade e discrição no aferir valores. E metodo. E tudo partindo de um ponto de vista nobilissimo que fez a quantos o apreciaram admiradores do seu valor moço, logico, ponderado no instante intelectual brasileiro.



## Reparos

A revista *O Movimento*, de Renato Almeida, noticiou com simpatia ou com «efusão cordial», como lá está, o aparecimento do livro de Eugenio Gomes.

Pena é que o critico da nossa victoriosa colega o tenha feito vendo,



## NOTICIARIO

sistematicamente, *en debutant*, o novo poeta bahiano. Dahi, aquela coisa de «influencias sensiveis», — reparo que não acudiu a nenhum critico de quantos se ocuparam do «Moema».

Influencias... Mas, de quê ou de quem? De idéas, de ritmos ou simplesmente de assuntos? Fica-se em duvida. Certo, o nosso poeta e companheiro não tem a pretensão de contrariar a velha sentença de Salomão.

E Renato Almeida, que conhece Goethe, como poucos, deve lembrar-se que o gigante de Weimar, que sabia tudo, só não sabia quem eram os donos de suas idéas...

Para não falar nesse demonio do Anatole, que não acreditava na invenção literaria.

Influencia nos ritmos? Afóra «A Ronda dos Caiporas» e «Arraia», em metros conhecidos, todas as poesias do «Moema» estão ritmadas arbitrariamente á maneira... do autor. Medeiros e Albuquerque fez-lhe, pois, justiça, ao afirmar que o nosso poeta é dos que sabem achar um ritmo seu.

Influencia nos assuntos? Parece-ria um gracejo o reparo? Porque, firmado esse criterio, quem havia de escapar á pécha de influenciado?

Vê-se, dahi, que taes reparos convêm feitos com documentação. No caso presente, o critico lavraria um tento e os que vêm no «Moema» um livro quanto possivel original, nas suas imagens e nos seus ritmos — e neste particular é que devemos ver o artista — ficariam de cara á banda.

Outro reparo: referindo-se aos novos valores mentaes, e militantes, da Bahia, o noticiarista do *O Movimento* inclue nelles Rafael Barbosa.

Ora, Rafael reside no Rio ha dois annos e é hoje uma das figuras de maior relevo da vanguarda modernista de lá. Portanto do Brasil.

Por que, então, desintegrál-o dessa companhia, quando é verdade Rafael lhe vem dando o brilho de sua operosa e agilissima inteligencia?

Francamente, o criterio d'*O Movimento* é camarada, mas tem umas coisas...



## F I L O L O G I A

## X ou Ch?

Eis-me convidado nominalmente á barra do tribunal filologico para depôr, pró ou contra, sobre o emprego do *ch* e do *x*, no caso *flecha* e *flexa*. Depois de prestado o solenne compromisso, vou dizer o que sei a respeito.

*Flecha* ou *frecha* é o mesmo que *flexa*? Aqui é onde se encrava o busilis.

*Flecha* ou *frecha* promana do espanhol, com fonação e grafia idénticas ás nossas, para as duas modalidades.

O dicionario hispano-português de Castro Mascarenhas manda consultar o nome *saeta*, seta, originario do latim *saggita*, tendo os mesmos significados vernaculos.

Quanto a *flexa*, averigúa-se que procede do verbo *flecto*, cujo participio passivo é *flexus*, dobrado, conforme se nota em *flexão*, *flexor*, *flexura*, *flexível*, *flexibilidade*, *flexuoso*, *flexuosidade*.

Ora, perante provas tão desengana-das, infere-se que são vocabulos de formações diversas, havendo para cada qual um sentido particular.

Isto está extante entre os paredros da filologia romanica.

Com o perpassar dos tempos, porém, surge-nos o sabio glotologo lusitano Gonçalves Viana e formula um plano ortografico, hoje aceito em Portugal, com alguns sequazes no Brasil, e nesse plano mostra que, vai por dous

seculos, o grupo *ch* se confunde com *x*, confira-se o Vocabulario Alfabético Remissivo," pas. 24.

Mas (coisa notavel!), ao mesmo passo que trata dos cognatos de *flexa*. decompõe o *x*, letra duplice em *Cs* (pron-*Ks*), escrevendo desassombradamente *flecsão*, *flecsível*, *flecsiloqua*, *flecsional*, *flecsipede*, etc.

*Ubi veritas?*

A mocidade radiosa, que vem com a revista—"Arco e Flexa"—, injetando sangue novo nas letras bahianas, arrancando-a do estado apatico, em que vivia de certo tempo para cá, pôde sustentar, com o plano simplificado do mestre portugês, a escripta do *x*, sem duplicidade, conservando-lhe o valor fonetico do inicio dos vocabulos.

No tocante á variedade de *flecha* ou *frecha*, nenhuma seria impugnação se fará, pois as liquidas *r* e *l*, desde o periodo romano, se permutam, hajam vista *legalis* e *regalis*, que deram em portugês *legal* e *real*.

Mesmamente: do onomastico latino *Blasium* nasceu para nós *Brás*, e *Blaise* para os francêses.

Em uma palavra, os distintos fundadores da bem feita revista têm em seu prol o conceito magistral de Gonçalves Viana, um dos mais eruditos cultores da filologia portuguesa.

Bahia, 26-11-928.

FRANCELLINO DE ANDRADE

## NOTICIÁRIO

**Carvalho Filho**

*O Globo*, o fulgurante e autorizado órgão do Rio, em suas prestigiosas páginas, afirma sobre «Rondas» de Carvalho Filho:

**A Bahia, a tradição e os seus  
espíritos novos**

«RONDAS», DE CARVALHO FILHO

Nesta mesma página, em anterior edição do *O Globo*, falamos da Bahia e do surto atual de suas mentalidades novas. *Moema*, de Eugenio Gomes, suscitou os comentários breves, que ainda hoje se espalham diante dos versos, também de Carvalho Filho, enfechados neste volume de «Rondas». Carvalho Filho terá vinte ou pouco mais de vinte anos. Percebe-se, no seu livro, esse verdor pletórico da idade, onde há ritmos acesos de exaltação, de eloquência verbal desbordante, de musicalidade por vezes excessiva nos vocábulos preciosos, ainda de predileções remotas. Mas não há sonetos, nem espartilhos métricos, nem debilidades de inspiração e de forma. Como estréia, o autor de «Rondas» é dos que mais lindamente se afirmam no momento. Mais alguns passos, e estará integrado no melhor do nosso modernismo em letras, rompendo os últimos laços das influências que passaram. Carvalho Filho, aliás, é um poeta da época. Nada de trovador, nem de mesureiro sentimental das rimas. Quando muito, um lírico da

imaginação, fazendo passar o espetáculo do mundo exterior pelo palco de uma sensibilidade suscetível das vibrações mais volutuosas da beleza. E tem fôlego, que se confirma na extensão de todos os seus poemas, a se estenderem por páginas e páginas. Por isto, de preferência, a transcrição deste *Irrevelado*, que é dos menores, sendo também expressivo da maneira dos outros:

d'*O Globo* do Rio de Janeiro, de 5 — Novembro — 1928.

**Vicente Fittipaldi**

Visitou *Arco & Flexa* Vicente Fittipaldi, o fino artista do violino, e apreciado poeta modernista de Recife.

**Herman Lima**

MEDEIROS E ALBUQUERQUE — Escreve, no *Jornal do Commercio*, 18 — 11 — 1928, do Rio, estas palavras justas e altas sobre «Mãe da Água», o victorioso livro de Herman Lima:

«O livro de Herman Lima toma o seu nome, não do primeiro, mas do último conto do volume.

Quando se dá a um livro de contos o nome do primeiro, é como se se dissesse: «Tal ou qual conto e outros». Adotar, porém, para batismo o último, como aliás vários autores já têm feito, não parece muito razoável. É como alguém que passasse a vida sem nome e se batizasse na hora da morte.

## NOTICIARIO

Alfonse Allais tem uma historia que se passava numa casa de cinco andares e de que o porteiro se instalara no quinto. Lembra um pouco nesse particular o livro do sr. Herman Lima.

Posta, porém, de lado essa chicana sem importancia, o livro é excelente. E' realmente muito bom. Nelle alternam contos e poemas em prosas. Uns, como os outros, são magnificos. Destes ultimos são os trechos seguintes, quedão bem uma amostra doesitlo do autor:»

Transcreve um significativo trecho do livro, e conclue:

«Herman Lima já tinha publicado um excelente livro de contos que foi premiado, justamente premiado, pela Academia e que se chama *Tigipió*. O que agora edita o mostra em progresso.

Seus contos têm menos ação que

descrição, mas, ou descrição ou ação, tudo é excelente.

E' um escritor de primeira ordem.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE



## «Samba»

Recebemos o *Samba*, (ultimo numero) revista bem feita de novos, entre os quaes se contam nomes de valor, como Alves Ribeiro, Braulio de Abreu, Bitiencourt Sobrinho, Clodoaldo de Campos, Elpidio Bastos, que constituem propriamente a redação da revista.

Prosas excelentes. Lindos versos. Modernistas, todos.

Em nome do mesmo Ideal desejo-molhes o mesmo bem que a nós mesmos.

## DA IMPRENSA DA BAHIA

*A Tarde*, de 22—11—928.

Largamente annunciada, entrou a circular, hoje, o primeiro numero da revista *Arco & Flexa*, que se propõe a sustentar, na Bahia, a renovação literaria.

ARCO & FLEXA, «mensario de cultura moderna», é mais uma publicação de artes e sciencias em colaboração, com uma pleiade de moços de idéas novas, que, sob a orientação intellectual do escritor Carlos Chiacchio, ha de, por certo, agitar o meio literario bahiano.

*O Imparcial* (22 — 11 — 28):

ARCO & FLEXA -- Um grupo brilhante de intellectuaes, sob o controle do sr. Pinto de Aguiar, acaba de realizar uma obra de real benemerencia na vida literaria da Bahia e do Brasil, iniciando a publicação de *Arco & Flexa*. mensario de cultura moderna, que circulará, hoje, numa edição de 70 paginas em forma de livro com uma bela disposição.

E' seu paraninfo e mestre o dr. Carlos Chiacchio.

## NOTICIARIO

*Diario da Bahia*, ed. vespertina, 22 Nov. 929.

Os circulos intellectuaes da cidade vão ser surpreendidos hoje com o aparecimento da revista de arte moderna *Arco & Flexa*, que é a primeira no genero que se prepara neste Estado.

E' do grupo da gente nova, com Pinto de Aguiar, Helio Simões, Ramayana de Chevalier, Jonathas Milhomens, De Cavalcanti Freitas, José Queiroz Junior, Eurico Alves e Damasceno Filho. e que conta com o patrocínio de Carlos Chiacchio, como incentivador do movimento modernista nas letras bahianas.

*Arco & Flexa* vae fazer sucesso.



*Diario da Bahia*, matutina de 23 — Nov. 929.

Apareceu, ontem, como se esperava o primeiro numero da revista *Arco & Flexa*, mensario de cultura moderna.

De feição nova, impressão magnifica, nitida, a materia bem distribuida, *Arco & Flexa*, deixa logo bôa impressão pelo aspecto grafico-

A materia é, porém, toda ela de gente nova, de espiritos moços, dos que se propõem renovar as letras bahianas.

Abre a revista um trabalho de Carlos Chiacchio, «tradicionalismo dinamico», em que estuda justamente a cultura moderna. O final desse artigo é a definição, a justificativa da *Arco & Flexa*. Diz elle:

*Arco & Flexa*, é uma senha de independencia, liberdade, autonomia. No gesto e no ritmo. No pensamento e na arte. No carater e no coração. Memoria da patria verde, virgem, vibrante. Sem demogojia, nem enfase. Sem artificialismo, nem retorica. Espontanea, natural, sincera Arco de céu, flexa de sol. Mais lindo que o ramo de café, mais verdadeiro que a folha de fumo, mais flexivel que a spatula de cana. Não é todo o Brasil. Mas é um bocado de Brasil na simplicidade geometrica de um simbolo».

## DA IMPRENSA DO RIO

### UMA REVISTA E UM MOVIMENTO LITERARIO NA BAHIA

A Bahia foi sempre, entre as capitães brasileiras, um dos centros mais agitados e expressivos de atividade literaria. Ainda agora chega-nos da cidade do Salvador uma revista mo-

derna de cultura, o fruto de um movimento intellectual altamente interessante. *Arco & Flexa*... O titulo aliás, não significa um movimento indianista num antropofagico... Exprime uma atitude de brasilidade inteligente, de independencia e de corajosa libertação.

## NOTICIARIO

Num agudo e substancioso ensaio com que abre a revista, o escritor Carlos Chiacchio, um nome ilustre e um joven patriarcha da moderna literatura bahiana, define o programa desse nucleo esplendido de juventudes cheias de nobre e pura ambição creadora. O programa, ahi expresso, de *Arco & Flexa*, distancia-a do movimento chamado futurista, e contra o qual o belo ensaio do sr. Chiacchio atira algumas flexadas amaveis.

A revista, além das audacias renovadoras de um grupo de avanguardistas fogosos, está cheia de um quente e saboroso sentimento bahiano. A cidade volutuosa e ingenua das 365 igrejas, do xangó, dos quitutes apimentados e das negras da Costa, está toda, com todo o seu encanto e todo o seu pitoresco, nas poesias de Pinto de Aguiar, de Damasceno Filho, de Helio Simões, de Ramayana de Chevalier e de Carvalho Filho, poetas dos mais representativos de hoje na provincia ilustre, todos eles cheios de sentimento mais profundo da sua terra e da alma da sua gente.

As paginas de prosa, paginas de impressão de pura imaginativa ou de critica, refletem uma promissora riqueza de seiva criadora, um entusiasmo e uma audacia de inteligencias jovens, que estão realizando, no ambiente talvez ingrato da provincia, um movimento cultural de que se póde muito esperar porque é realmente forte e expressivo.

(Diario Carioca)

ARCO & FLEXA — E' uma revista que nos vem da Bahia. Mensario de cultura, reflete um aspecto do moderno movimento intelectual daquele Estado. São 66 paginas de prosa e verso do melhor quilate. Tendo á frente o sr. Carlos Chiacchio, que é a expressão mais forte da actual literatura bahiana, *Arco & Flexa* reúne um grupo de talentos novos e ageis. Obedece á escola do «tradicionalismo dinamico», tema sobre o qual o sr. Chiacchio publica um estudo interessantissimo. Materialmente, a feição é idistnta — a melhor possivel em relação ao meio.

(A Esquerda)



ARCO & FLEXA — Uma bella revista de cultura esta que acaba de aparecer na Bahia.

Trata-se de uma publicação do genero das que se fazem em Buenos-Aires e, mesmo, no Rio, isto é, de uma conlectanea de escolhidos trabalhos literarios, sem figurar gravuras nas suas paginas.

*Arco & Flexa* não é, propriamente, como o titulo poderia indicar, pela sua originalidade, uma revista futurista.

Ao contrario, os trabalhos que inserer são pensados e bem escritos. Orienta-a o conhecido publicista Carlos Chiacchio que domina o ambiente mental daquelle Estado nortista, pelo seu espirito cultissimo e pela agudeza da sua intelligencia.

Que *Arco & Flexa* tenha vida longa, são os votos que formulamos, sinceramente.

D'O Imparcial

## NOTICIARIO

## DA IMPRENSA DE RECIFE

ARCO & FLEXA — Na capital bahiana acaba de aparecer uma revista de letras. E' *Arco & Flexa*.

A nova publicação traz artigos de prosa e verso, tudo obedecendo ao espirito moderno. Não é isto porém, que, por ironia, se convencionou chamar de «futurismo».

Os trabalhos de *Arco & Flexa* tem senso, idéa e finalidade.

Ha ali um punhado de gente nova que sabe escrever e tem patriotismo, indicando a Bahia um novo caminho literario, sem desprezar a tradição que ela conserva como a terra mais característica do Brasil.

Pinto de Aguiar, Jonathas Milhomens, Helio Simões, De Cavalcanti Freitas, Carvalho Filho, José Queiroz Junior, Ramayana de Chevalier, Eurico Alves e Damasceno Filho — os nomes novos de *Arco & Flexa* — têm a frente Carlos Chiacchio que, assignando um artigo da força de «Tradicionismo dinamico», mostra mais uma vez ser a mentalidade superior e erudita tão sobejamente conhecida não só na Bahia, como em todo o paiz.

*Arco & Flexa* — apresenta, ainda, serviço material bem acabado e veio fadada a viver e a brilhar.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado pela redação.

(Do *Diario de Pernambuco*, de 8 — 12 — 928)

Recebemos o numero 1, do mensario de letras, artes, sciencias, e critica, *Arco & Flexa*, que acaba de aparecer na Bahia, sob a orientação de Carlos Chiacchio, critico e jornalista bahiano.

Trazendo como sub-titulo mensario de cultura moderna *Arco & Flexa* reuniu um corpo de colaboradores capaz de versar os assumtos mais varios desde a critica ao comentario agil e fino, desde o verso ao ensaio.

Traz o seu primeiro numero mais verso de que prosa, o que não é de admirar numa revista do norte...

Sente-se, entretanto, o belo esforço dos que fazem *Arco & Flexa* para criar uma revista de letras que reuna o que a Bahia possui de mais original e vivo na sua mentalidade nova.

Não seguindo escolas, nem se subordinando...

«Nunca primitivismos antropofagicos, nem dinamismos desembestados. Não queremos correr cruamente com o passado. O senso da medida. O criterio da seleção. O gosto do melhor».

Assim fala o sr. Carlos Chiacchio que com a sua iniciativa, digna dos melhores aplausos, tornará mais conhecida a intelligencia nova da Bahia e dirá da sua cultura, atravez das paginas desse mensario de artes e letras, cujo sumario desse primeiro numero é a garantia do seu exito.

(De *A Provincia*, de 11 — 12 — 1928)

## NOTICIARIO

ARCO & FLEXA — Aos adetos da escola renovadora da literatura e aos observadores das atualidades brasileiras, não deve ser indiferente o aparecimento de *Arco & Flexa*, mensario de cultura moderna que, sob a orientação do sr. Carlos Chiacchio, acaba de surgir na capital bahiana.

Temos á mão o seu primeiro numero, referente a novembro, oferecido pelo nosso confrade dr. Samuel Campelo, representante da mencionada revista em Pernambuco.

Abre *Arco & Flexa* um caracteristico artigo de apresentação, assinado pelo seu orientador e moldado numa linguagem segura e energica, adequada ao seu amplo e desassombrado programa de ação, nas artes, ciencias e letras e tambem na critica em geral.

Fere os momentosos assumtos nacionaes, num indice bem claro de campanhas reacionarias, a par de um

nacionalismo sem disfarce, que o nome o diz.

Seguem-se bons trabalhos tipicos em prosa e verso e um variado noticiario.

(Do *Jornal do Commercio*, de 13 — 12 — 928).



Acaba de aparecer na Bahia o primeiro numero da revista *Arco & Flexa*, mensario de cultura moderna, redigido pelos srs. Carlos Chiacchio, Pinto de Aguiar, Helio Simões, Carvalho Filho, Ramayana de Chevalier Jonathas Milhomens, De Cavalcant; Freitas, José Queiroz Junior, Eurico Alves e Damasceno Filho. O sr. Carlos Chiacchio publica, *Tradicionismo dinamico*, que é um retrato forte da atualidade mental do Brasil. Versos e cronicas.

(Do *Diario da Manhã*, de 6 — 12 — 928).



**LIVRARIA CATILINA**

DE

**ROMUALDO DOS SANTOS**

À Rua Portugal, n. 6 e FILIAL á rua Dr. J. J. Seabra, n. 162  
CASA FUNDADA EM 1835

Acham-se habilitados para fornecer aos Snrs. Alumnos dos Cursos PRIMARIO, SECUNDARIO e SUPERIOR todos os livros adoptados, a preços sem competencia. No Prelo—«Defendendo a Republica», Dr. Muniz Sodré—«Grammatica Ingleza», Prof. F. J. Ruschid.

Telephone Central, 871 e 1307

**LIVRARIA PROGRESSO**

Rua do Collegio, 22

Telephone Central, 483

Dispõe de grande stock

- DE -

Livros novos e  
usados

**BAHIA**

**LIVRARIAS?**

SÓ

**LOUREIRO**

OU

**GALDINO**

Collegio, 12 e Lyceu, 15

Telephones C. 1239—1257

**BAHIA**

**LIVRARIA SCIENTIFICA**

DE

**ARGEU COSTA & C.**

SECÇÃO DE LIVRARIA—Stock permanente de livros scientificos, literarios, escolares, etc.

SECÇÃO DE PAPELARIA—Grande sortimento de material para escriptorio, papeis de diversas marcas.

SECÇÃO DE TYPOGRAPHIA—Confecção perfeita de qualquer trabalho tendente à arte typographica. Serviço esmerado de encadernação

BAHIA—Rua Chile, 88 Tel. C. 2114—BRASIL



Enrico May  
Rua do Caquende - 14

Carvalho Filho

Barris - 56

Tavola